Breve balanço
sobre a produção e circulação de longas brasileiros na década 2001-2010

No catálogo da mostra CINEMA BRASILEIRO ANOS 90, publicamos uma listagem completa dos longas produzidos entre 1991 e 2000. Nossa intenção inicial seria a de fazer o mesmo neste catálogo, porém a produção total teve um aumento de mais de 300%, passando de pouco mais de 200 para mais de 860 longas no período de dez anos, uma quantidade que inviabiliza a produção deste material impresso. Ao mesmo tempo, porém, o fato é que, desde 2001 (quando foi realizada aquela mostra), a utilização e o acesso à internet se tornaram muito mais democráticos, e por isso acreditamos que a disponibilidade dessa listagem completa, organizada por ano no site da mostra, se provará igualmente útil – permitindo ainda que eventuais exclusões sejam devidamente corrigidas.

Por isso, a lista completa de produção de longas entre 2001-2010 está disponível no endereço:
www.revistacinetica.com.br/anos2000/filmes.php

A partir dessa decisão, pensamos que seria mais interessante usar este espaço no catálogo impresso para organizar e sistematizar algumas listagens menos gerais e que, no todo, permitissem algumas observações interessantes sobre a produção e circulação dos filmes brasileiros no período.

Listagem
por diretores

Ao começarmos o trabalho de curadoria da mostra, tentamos pensar de forma ainda espontânea (sem irmos à listagem completa dos filmes produzidos) quais eram os "autores de cinema" cujas obras nos pareciam ter sido as mais marcantes da década. Dos nomes citados pelos curadores constavam figuras como Eduardo Coutinho, Beto Brant, José Eduardo Belmonte ou Julio Bressane, que, portanto, nos pareciam ser alguns dos que mais teriam filmado no período. Ao partirmos para uma efetiva contagem destes títulos, porém, constatamos curiosamente que, com a exceção de Coutinho (cujos números sobressaem), havia pelo menos outros dez cineastas que exibiram mais longas pela primeira vez nessa década do que os outros três que havíamos citado – e que outros nove haviam filmado tanto quanto eles (quatro longas cada).

São dados como esses que nos fazem confirmar como é importante fazer estes balanços no calor da hora, para que impressões não se perpetuem como fatos muito mais por questões relacionadas a contextos circunstanciais (visibilidade, "coerência" da obra) do que pela realidade. Não é que deixe de ser significativo pensar por que as obras de Brant, Belmonte ou Bressane nos pareceram tão marcantes no período (cada uma tem seus motivos), mas observar como a dinâmica da produção atendeu linhas muito mais pragmáticas.

Na verdade, a liderança bastante destacada em números de filmes de nomes em geral menos lembrados por sua obra, como os de Evaldo Mocarzel ou Moacyr Góes, não é uma novidade na historiografia do cinema nacional. Afinal, quem saberia dizer que nos anos 1970 os dois cineastas que mais filmaram foram Ary Fernandes e Mozael Silveira (com os mesmos 14 longas que Mocarzel na última década), seguidos por Alberto Pieralisi, J. B. Tanko e Osvaldo Oliveira, com 13 longas – como nos informa a pesquisa feita para o catálogo da 4ª CineOP, que se dedicou ao período? Ou que nos anos 1960, foram Victor Lima, com 15 longas; e o mesmo J. B. Tanko, com 11 (de novo, segundo pesquisa da 3ª CineOP)?

O interessante mesmo é perceber as peculiaridades que permitiram a esses cineastas filmar em maior quantidade – o que pode variar bastante, aliás. Temos, do lado de Mocarzel, uma estrutura de produção extremamente barata e "urgente" – e que, de alguma maneira, encontra um espelho na produção ultraindependente dos irmãos Pretti (com 6 longas no período – todos de ficção) e no próprio método de Coutinho. De outro lado, temos os chamados "artesãos do cinema comercial", que no geral sempre foram os que mais filmaram no país, e que aqui estão representados acima de tudo por Moacyr Góes (que chegou a lançar 3 longas em um mesmo ano), e tendo um caso de maior "autoralidade"

e repercussão em Daniel Filho (terceiro maior número de longas realizados).

Daí por diante, temos uma variedade de situações entre os que filmaram 4 ou mais vezes, passando pelos incentivos regionais que facilitaram projetos como os do cearense Rosemberg Cariry ou os gaúchos Beto Souza e Paulo Nascimento, por exemplo. Mas, no geral, o que percebemos é uma divisão clara entre os que mais filmaram: estes se resumem quase exclusivamente aos que o fizeram dentro de uma ideia de "cinema industrial" (casos de Góes ou Daniel Filho, mas também, ainda que em outras bases, de Fábio Barreto, Jorge Furtado e Guel Arraes); ou àqueles que filmaram apenas filmes muito baratos (além de Mocarzel, Coutinho e Pretti, podemos pensar em Cao Guimarães, Domingos Oliveira, e os próprios Brant, Belmonte e Bressane), ou aos que filmaram exclusivamente ou parcialmente documentários (casos como os de João Batista de Andrade, Rosemberg Cariry, Eryk Rocha, José Padilha, José Joffily, Roberto Berliner e Walter Carvalho).

Ou seja: cineastas que buscaram criar projetos autorais exclusivamente através da ficção, e cujos orçamentos não foram extremamente baratos, não filmaram mais do que três vezes na década. Alguns estreantes do período até conseguiram chegar a esta marca apresentando-se já como nomes importantes no cenário nacional e até internacional, como foi o caso de Karim Aïnouz, Sérgio Machado, Kiko Goifman e Heitor Dhalia (com três longas cada) ou Marcelo Gomes e Claudio Assis (com dois). Já outros, como principalmente Walter Salles e Fernando Meirelles (mas também Andrucha Waddington), se dividiram entre carreiras no cinema brasileiro e em grandes produções internacionais.

Mas o fato é que vários dos principais nomes considerados "expoentes" das gerações anteriores, e que continuaram filmando nos anos 2000, não passaram da marca de dois ou três longas, como é o caso de Lírio Ferreira, Carla Camurati, Eliane Caffé ou Lais Bodansky (no caso da geração dos anos 1990); de Sérgio Bianchi, Hector Babenco, Sérgio Rezende, André Klotzel, Miguel Faria Jr., Murilo Salles, Ugo Giorgetti ou Tizuka Yamasaki (anos 1980); de Carlos Reichenbach, Hugo Carvana ou Ivan Cardoso (anos 1970), chegando a remanescentes da geração do Cinema Novo, como Nelson Pereira dos Santos, Cacá Diegues ou Geraldo Sarno. Houve inclusive vários dentre estas gerações que lançaram apenas um longa nestes dez anos, como é o caso de Ruy Guerra, Walter Lima Jr, Paulo Cezar Saraceni, Neville D'Almeida, Ana Carolina, Alain Fresnot, Roberto Gervitz, Guilherme de Almeida Prado, Tata Amaral ou Paulo Caldas.

Filmar uma vez, porém, pode ter sido considerado uma vitória por alguns nomes que não o fizeram nos anos 1990, e que finalmente conseguiram retomar carreiras neste período, como foi o caso de Maurice Capovilla, Andrea Tonacci, José Mojica Marins, Edgar Navarro, Hermano Penna, Carlos Prates ou até mesmo Arnaldo Jabor e Rodolfo Nanni. Estes estão em companhia, como cineastas de apenas um longa no período, de mais de 490 diretores – a imensa maioria deles de estreantes que vão desde jovens na casa dos 20 anos até diretores com uma obra reconhecida nos curtas ao longo da década de 1990 (caso de Ana Luiza Azevedo ou Philippe Barcinski). Para todos, o desafio se manterá ao longo da próxima década: como (e o quanto) conseguirão fazer para manter as carreiras em constante produção?

Quantidade de longas por diretor 2001-2010

14 longas
Evaldo Mocarzel

11 longas
Moacyr Góes

8 longas
Daniel Filho

7 longas
Eduardo Coutinho

6 longas
Luiz e Ricardo Pretti

5 longas
Cao Guimarães
Domingos Oliveira
João Batista de Andrade
José Padilha
Rosemberg Cariry

4 longas
Beto Brant
Beto Souza
Eryk Rocha
Fábio Barreto
Guel Arraes
Jorge Furtado
José Eduardo Belmonte
José Joffily
Julio Bressane
Paulo Nascimento
Roberto Berliner
Walter Carvalho

46 diretores exibiram
3 longas

107 diretores exibiram
2 longas

496 diretores exibiram
1 longa

II Mercado de cinema no Brasil

A) AS SALAS DE CINEMA E O PÚBLICO EM GERAL

Um dado sobressai quando olhamos para as dimensões do mercado de cinema no Brasil – primeiro no ano de 2001, e depois no de 2010. No primeiro ano do período, foram vendidos 75 milhões de ingressos no país; enquanto que no último ano, este número chegou a 134,9 milhões – portanto, tivemos um aumento total bem próximo de 100% no número de espectadores nos cinemas ao longo destes dez anos (N. do E.: estes dados, assim como todos os outros citados nesse texto, foram cedidos pelo Filme B).

Claro que este aumento não se deu de forma uniforme, já que o cinema é um mercado que depende muito da sazonalidade dos produtos/obras que sejam oferecidos. No entanto, em linhas gerais, a tendência evolutiva é mesmo essa de um aumento considerável na importância da plataforma do cinema no mercado audiovisual brasileiro – e assim percebemos que o fenômeno da pirataria, embora tenha sido devastador no mercado do *home video*, mesmo que tenha prejudicado um aumento possivelmente maior do mercado de salas de cinema, não foi suficiente para impedi-lo. O fato é que hoje temos 2.225 telas de cinema no país, enquanto em 2001 elas eram 1.620.

Os motivos para tal fenômeno são muitos, e claro que passam pela estabilidade econômica, além do posterior processo de redistribuição de renda pelo qual o país passou (que permitiu a chegada do cinema a áreas onde estava ausente, e, portanto, a entrada deste público-consumidor que passara boa parte das décadas de 1980 e 1990 alijado deste). Além disso, porém, é preciso citar fatores específicos da área, como a entrada definitiva do modelo dos multiplex no mercado nacional; e o incentivo dado à construção dos mesmos tanto pelo aumento do número de *shopping centers* (onde geralmente o cinema aparece como elemento central) quanto por políticas colocadas em andamento pelo BNDES e pela Ancine – a Agência Nacional do Cinema, cuja criação e progressivo aumento de importância e centralidade na gestão do mesmo são ambos fenômenos desta última década.

B) O FINANCIAMENTO E O PÚBLICO DO CINEMA BRASILEIRO

Se usarmos o mesmo método de comparar os resultados dos anos de 2001 e 2010 para o público específico dos filmes brasileiros nos cinemas, poderíamos até chegar a um resultado ainda mais animador – só que este seria um tanto enganador. Isso porque, se em 2001 os filmes brasileiros venderam 6,9 milhões de ingressos, em 2010 este número chegou a nada menos que 25,6 milhões. Isso quer dizer que o cinema brasileiro é hoje quatro vezes maior em termos de público do que há dez anos?

Não exatamente, porque aí sim a sazonalidade acima citada entra com força – afinal, nada menos que quase 11,1 milhões deste total de 2010 se devem somente a um filme, *Tropa de Elite 2*, que é também o maior sucesso do cinema nacional de toda a sua história. Ou seja, dentro da curva histórica que vai de 2001 a 2010, este último ano, por enquanto, representa mais um desvio fora desta (como já havia sido o caso em 2003) do que exatamente o resultado de um processo contínuo. Em termos de porcentagem de bilheteria total (o chamado *market share*), o cinema brasileiro em 2010 ocupou 19% do mercado – ficando, portanto, ainda abaixo do recorde no período, que são os 21,4% de 2003. No entanto, este é um número bem acima da média geral, que variou entre 10 e 14% na maior parte dos outros anos da década – portanto, sem que se possa ainda realmente traçar uma linha que projete resultados mais regulares para o futuro.

O que se pode afirmar é que, principalmente por conta da atuação da Ancine ao longo do período, os métodos de financiamento da produção brasileira têm sido bastante alterados, e talvez (pelo menos numa análise otimista) alguns bons resultados dos últimos períodos possam ser relacionados a isso. Fato é que, em 2001, mecanismos como a Lei Rouanet, o artigo I da Lei do Audiovisual e os investimentos diretos da União (mais associados à imagem clássica da "captação de recursos" como esta ficou conhecida a partir da chamada "retomada" – ou seja, com pouca necessidade de relação direta entre capacidade de captação e de resultados efetivos de público/renda) eram responsáveis por mais de 80% do financiamento de longas-metragens brasileiros. Já em 2010 (e a curva ao longo do período é constante), sobressai a presença dos artigos 3º, Funcines, PAR/PAQ e, finalmente, o recente Fundo Setorial – todos eles relacionados, de maneiras distintas, a resultados anteriores conquistados ou a projetos que levem em conta, principalmente, a sua viabilização posterior no mercado (de novo, pelo menos teoricamente). Em números absolutos, aliás, o Fundo Setorial promete se estabelecer cada vez mais ao longo da próxima década como o principal meio de financiamento do cinema nacional, especialmente daquele com vistas ao mercado.

C) CINEMA BRASILEIRO E MERCADO: DUAS REALIDADES DISTINTAS

Desta maneira, o cinema brasileiro entra na próxima década espelhando um dilema que hoje é comum a quase todas as principais cinematografias mundiais, desde uma mais associada ao "mercado", como a americana, até uma mais relacionada com investimentos estatais estratégicos, como é o caso da francesa. Existe um fosso enorme entre os investimentos cedidos e os resultados atingidos por uma determinada produção voltada quase exclusivamente ao "mercado" (com todas as nuances que vão desde um megassucesso histórico como *Tropa de Elite 2* a vários caríssimos fracassos); e uma dificuldade cada vez maior de encontrar mecanismos de financiamento e espaço nas salas de cinema pelo que ainda representa uma maioria de títulos produzidos com orçamentos reduzidos ou com motivações principalmente artístico-autorais.

Para termos ideia dos totais a que nos referimos, quase 50% dos longas nacionais que tiveram sua primeira exibição pública em 2008 ou 2009 (não considerando 2010, já que vários dos mais comerciais ainda estão no seu calendário normal de lançamento para este ano de 2011) só foram exibidos no circuito dos festivais ou em espaços alternativos, sem terem sequer chegado ao mercado exibidor tradicional (claro que isso inclui uma série de filmes realizados sem qualquer expectativa real de chegar a este lançamento em salas, voltados mesmo para este circuito reduzido ou para lançamentos em DVD ou circulação alternativa). Outros tantos chegaram aos cinemas com resultados inferiores a 5 mil espectadores (em muitos casos, menos de mil), brigando em geral em um circuito "alternativo" reduzido e hiperocupado.

É importante voltar a lembrar que essa situação não é diferente da que atravessam hoje mercados do mundo todo, sendo que em lugares tão distintos como os festivais de Sundance ou Cannes, particularmente depois da mais recente crise econômica mundial, discussões pontuais sobre o assunto têm sido feitas – na França, por exemplo, há dois anos houve um intenso movimento do chamado "cinema de arte" local para buscar restabelecer suas bases de sobrevivência. Como o cinema brasileiro lidará com as tensões resultantes desta latente cisão é algo que resta ser visto.

O único ingrediente "autenticamente brasileiro" em todo esse panorama é mesmo a presença da Globo Filmes. Criada em 1998, esta empresa até tem investido em produção de maneira direta em alguns casos específicos, mas no geral representa um braço de marketing para vários filmes nacionais, aproveitando-se da peculiar situação de visibilidade assegurada ao grupo de comunicações das Organizações Globo. Na lista das 20 maiores bilheterias abaixo listadas, por exemplo, apenas 3 filmes foram lançados sem o apoio da empresa.

As 20 maiores bilheterias nacionais nos cinemas no período 2001-2010

1. **Tropa de Elite 2** (2010) 11.081.199 espectadores
2. **Se Eu Fosse Você 2** (2009) 6.137.345 espectadores
3. **2 Filhos de Francisco** (2005) 5.319.677 espectadores
4. **Carandiru** (2003) 4.693.853 espectadores
5. **Nosso Lar** (2010) 4.060.000 espectadores
6. **Se Eu Fosse Você** (2006) 3.644.956 espectadores
7. **Chico Xavier** (2010) 3.414.900 espectadores
8. **Cidade de Deus** (2002) 3.370.871 espectadores
9. **Lisbela e o Prisioneiro** (2003) 3.174.643 espectadores
10. **Cazuza – O Tempo Não Para** (2004) 3.082.522 espectadores
11. **Olga** (2004) 3.078.030 espectadores
12. **Os Normais** (2003) 2.996.467 espectadores
13. **Xuxa e os Duendes** (2001) 2.657.091 espectadores
14. **Tropa de Elite** (2007) 2.421.295 espectadores
15. **A Mulher Invisível** (2009) 2.353.136 espectadores
16. **Maria – A Mãe do Filho de Deus** (2003) 2.332.873 espectadores
17. **Xuxa e os Duendes 2** (2002) 2.301.152 espectadores
18. **Sexo, Amor e Traição** (2004) 2.219.423 espectadores
19. **Xuxa Abracadabra** (2003) 2.214.481 espectadores
20. **Os Normais 2** (2009) 2.177.657 espectadores

(Fonte: Filme B)
N. do E.: Embora seja oficialmente um filme de 2010 (foi lançado no dia 31/12), por ter feito sua bilheteria quase toda em 2011, não consta da lista o filme De Pernas Pro Ar, que já soma mais de 3,5 milhões de espectadores até o dia 15/3/2011 – o que o posicionaria em sétimo lugar na lista acima.

III Filmes enviados ao Oscar
para concorrer a melhor filme estrangeiro

Pode-se supor, ao tentarmos analisar a lista dos filmes enviados a essa categoria do Oscar, que lidemos menos com a representatividade dos filmes em si, e mais com os critérios usados por nossos selecionadores de obra para serem avaliadas em Hollywood. Os primeiros filmes da década a terem sido escolhidos por nossas comissões tinham a lógica representativa e simbólica do espaço social. *Abril Despedaçado* e o sertão alaranjado para sua tragédia cultural e familiar (além, claro, da grife de Walter Salles, que tinha concorrido em 1999 com *Central do Brasil*). *Cidade de Deus*, nosso filme de maior visibilidade externa, trazia a favela como cenário de ação de gênero e como ringue de tensões sociais. *Carandiru* e o presídio com detentos empurrados para lá. Embora tenham tratamentos distintos, todos lidam com a velocidade, em todos há personagens centrais mortos. Quem mata são os vizinhos, os concorrentes, a polícia. Já *Olga* vale-se não de um espaço físico, mas da História, valendo-se do heroísmo matrimonial e matriarcal. De novo, a morte. Essa primeira metade da década tanto mostra saídas metafóricas (*Abril Despedaçado*) como pragmáticas (*CdD*), mas também faltas de saídas (*Carandiru* e *Olga*).

2 Filhos de Francisco, maior sucesso de público entre os indicados, marca uma mudança. Neste filme, explicitamente, há vitoriosos: o herói trabalha e colhe. Sentimentalismo assumido, vinculado à família, ao interior, à música popular. Do estrondoso sucesso ao espírito indie no sertão: *Cinema, Aspirinas e Urubus* parece ter sido uma escolha para se fugir do princípio de que o indicado para representar o cinema brasileiro tenha de ser assumidamente comercial. No entanto, a seu favor, como apelo, havia o sertão – e um percurso afetuoso entre um sertanejo e um alemão, sinal de cordialidade em nosso solo.

A ditadura militar já havia sido tema de um de nossos concorrentes bem-sucedido nos anos 1990, *O Que é Isso Companheiro?*, e retornou pela ótica doce de um criança em *O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias*, filme enviado no ano do fenômeno *Tropa de Elite*. Parecia claro que, em vez da violência física e da truculência estética, apostaram na emoção, ainda mais na emoção de matriz judaica, algo que tem uma história na Academia (e ele chegou aos nove filmes pré-selecionados, mas sem ficar entre os cinco finalistas). Nos dois anos seguintes, dois filmes urbanos, contemporâneos, baseados, direta ou indiretamente, em casos reais: *Última Parada 174* (do mesmo diretor de *O Que é Isso Companheiro?*) e *Salve Geral*. Um retorna ao personagem de *Ônibus 174*, que já tinha apelo do caso midiático do sequestro ao vivo, e o outro relacionando-se à rebelião em cadeia do PCC, em São Paulo. Passado o momento de afeto, retornamos para as marcas do social, nos casos vistos como abortos de percursos de jovens. Nos dois casos, impera a força do acaso, sem culpados.

A década termina com a indicação do filme sobre a vida de retirante e de operário do presidente-mito: *Lula – O Filho do Brasil*, também dirigido por um dos indicados nos anos 1990 (o primeiro, então, *O Quatrilho*). A lógica de *2 Filhos de Francisco*, de mostrar a formação de um pop star contemporâneo, retorna com o astro na presidência. O efeito Lula, o cara, poderia ser válido, mas – como em todos os anos da década – a aposta não deu em nada. E, em vários sentidos, esse nada também não significa muita coisa

Os 10 escolhidos

2001
Abril Despedaçado

2002
Cidade de Deus

2003
Carandiru

2004
Olga

2005
2 Filhos de Francisco

2006
Cinema, Aspirinas e Urubus

2007
O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias

2008
Última Parada 174

2009
Salve Geral

2010
Lula, O Filho do Brasil

IV Presença brasileira
nos principais festivais internacionais

Cannes

2002
Madame Satã (Un Certain Regard)
Cidade de Deus (Fora de Competição)

2003
Carandiru (Competição)
Filme de Amor (Quinzena dos Realizadores)

2004
Glauber, o Filme (Fora de Competição)

2005
Cidade Baixa (Un Certain Regard)
Cinema, Aspirinas e Urubus (Un Certain Regard)

2007
Mutum (Quinzena dos Realizadores)
Via Láctea (Semana da Crítica)

2008
Linha de Passe (Competição)
Festa da Menina Morta (Un Certain Regard)

2009
À Deriva (Un Certain Regard)
No Meu Lugar (Fora de Competição)

2010
5x Favela – Agora Por Nós Mesmos (Fora de Competição)
A Alegria (Quinzena dos Realizadores)

Veneza

2001
Abril Despedaçado (Competição)

2002
Rocha que Voa (Novos Territórios)

2005
Árido Movie (Orizzonti)

2006
O Céu de Suely (Orizzonti)

2007
Cleópatra (Mestres)
Andarilho (Orizzonti)
Anabazys (Especial)

2008
A Erva do Rato (Orizzonti)
Encarnação do Demônio (Fora de Competição – Meia-Noite)

2009
Viajo Porque Preciso, Volto Porque Te Amo (Orizzonti)
Insolação (Orizzonti)

2010
Lope (Fora de Competição)

Berlim

2001
Latitude Zero (Filme de 2000 - Panorama)
Memórias Póstumas (Filme de 2000 - Panorama)

2002
As Três Marias (Panorama)
O Invasor (Panorama)

2003
O Homem do Ano (Panorama)
Amarelo Manga (Fórum)
Rua Seis, Sem Número (Fórum)

2004
Contra Todos (Panorama)
Fala Tu (Panorama)
O Outro Lado da Rua (Panorama)

2005
Redentor (Panorama)

2006
Casa de Areia (Panorama)
Meninas (Panorama)
Atos dos Homens (Fórum)

2007
O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias (Competição)
A Casa de Alice (Panorama)
Deserto Feliz (Panorama)

2008
Tropa de Elite (Competição – Urso de Ouro)
Maré (Panorama)

2009
Garapa (Panorama)
Vingança (Panorama)

2010
Besouro (Panorama)
Bróder (Panorama)
Lixo Extraordinário (Panorama)

2011
Tropa de Elite 2 (Fora de Competição)
Os Residentes (Fórum)

Roterdã

2001 (filmes de 2000)
Domésticas (competição)
Eu, Tu, Eles
Cronicamente Inviável
O Rap do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas
Urbania

2002
Lavoura Arcaica (competição)
Dias de Nietzsche em Turim
Onde a Terra Acaba

2003
Narradores de Javé (competição)
Cidade de Deus
Durval Discos
Ônibus 174
Madame Satã
As Três Marias
A Festa de Margarette

2004
Filme de Amor
O Caminho das Nuvens

2005
Estamira
O Diabo a Quatro

2006
Crime Delicado
Cinema, Aspirinas e Urubus
Quanto Vale ou é Por Quilo?

2007
Baixio das Bestas (competição – ganhador de um prêmio Tiger)
Acidente
Serras da Desordem
O Céu de Suely

2008
A Casa de Alice
Andarilho
Cleópatra
Juízo
Fim da Linha
Ainda Orangotangos
Mutum
Deserto Feliz
Estômago

2009
Acácio
Filmefobia
A Erva do Rato
A Festa da Menina Morta
Apenas o Fim

2010
Moscou
Hotel Atlântico
A Falta que Me Faz
Belair
Avenida Brasília Formosa

2011
O Céu Sobre os Ombros (competição)
A Alegria
Desassossego

Sundance

2001
Eu, Tu, Eles
Amores Possíveis

2002
O Invasor

2003
Benjamim
Ônibus 174
Madame Satã

2004
Carandiru

2005
Soy Cuba

2006
Casa de Areia

2007
Acidente
O Cheiro do Ralo

2009
Carmo

2010
Lixo Extraordinário
Segredos da Tribo

2011
Tropa de Elite 2

Locarno

2001
Bicho de Sete Cabeças

2002
Rocha que Voa
33

2004
Mensageiras da Luz
Rua de Mão Dupla

2005
Soy Cuba
O Signo do Caos

2006
Acidente (Cineastas do Presente)
Person

2007
Juízo (Cineastas do Presente)
Moacir Arte Bruta

2008
Filmefobia (Cineastas do Presente)
Baixio das Bestas
Jogo de Cena
Andarilho
Estrada Real da Cachaça

2009
Os Famosos e os Duendes da Morte (competição)
A Fuga da Mulher Gorila (Cineastas do Presente)
Terras

2010
Luz nas Trevas (competição)

V Ganhadores
do prêmio de Melhor Filme nos principais festivais brasileiros
(segundo o júri oficial)

Vale explicar que o critério utilizado para nomear os "principais festivais" foi, no caso dos festivais de Brasília e Gramado, a importância que ambos possuem tradicionalmente no imaginário do cinema brasileiro; e no caso do Festival do Rio e do de Paulínia, a importância que adquiriram ao longo da década para os produtores. Outros festivais de destaque ou dão menos importância à competição em si (caso de Tiradentes), ou mudaram bastante seu formato (caso do Cine Ceará), ou ainda têm sua maior força não exatamente na luta pelos prêmios (caso de Recife). Finalmente, o É Tudo Verdade entra como principal vitrine da produção documental, já que outros festivais dão um espaço secundário na programação ao documentário.

Festival de Brasília

2001 Lavoura Arcaica de Luiz Fernando Carvalho
Samba Riachão de Jorge Alfredo Guimarães
2002 Amarelo Manga de Cláudio Assis
2003 Filme de Amor de Julio Bressane
2004 Peões de Eduardo Coutinho
2005 Eu Me Lembro de Edgard Navarro
2006 Baixio das Bestas de Cláudio Assis
2007 Cleópatra de Julio Bressane
2008 Filmefobia de Kiko Goifman
2009 É Proibido Fumar de Anna Muylaert
2010 O Céu Sobre os Ombros de Sérgio Borges

Festival de Gramado

2001 Memórias Póstumas de André Klotzel
2002 Durval Discos de Anna Muylaert
2003 De Passagem de Ricardo Elias
2004 Vida de Menina de Helena Solberg
2005 Gaijin – Ama-Me Como Sou de Tizuka Yamazaki
2006 Serras da Desordem de Andrea Tonacci
Anjos do Sol de Rudi Lagemann
2007 Castelar e Nelson Dantas no País dos Generais de Carlos Prates
2008 Nome Próprio de Murilo Salles
2009 Corumbiara de Vincent Carelli
2010 Bróder de Jeferson De

Festival do Rio

2001 Bellini e a Esfinge de Roberto Santucci (prêmio do público)
2002 Seja o Que Deus Quiser de Murilo Salles (prêmio do público)
2003 Narradores de Javé de Eliane Caffé
2004 Contra Todos de Roberto Moreira
2005 Cidade Baixa de Sérgio Machado
2006 O Céu de Suely de Karim Aïnouz
2007 Mutum de Sandra Kogut
2008 Se Nada Mais Der Certo de José Eduardo Belmonte
2009 Os Famosos e os Duendes da Morte de Esmir Filho
2010 VIPs de Toniko Melo

Grande Prêmio do Cinema Brasileiro

2001 Bicho de Sete Cabeças de Lais Bodansky
2002 Cidade de Deus de Fernando Meirelles
2003 O Homem que Copiava de Jorge Furtado
2004 Cazuza – O Tempo Não Para de Sandra Werneck e Walter Carvalho
2005 Cinema, Aspirinas e Urubus de Marcelo Gomes
2006/2007 O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias de Cao Hamburguer
2008 Estômago de Marcos Jorge
2009 É Proibido Fumar de Anna Muylaert
2010 a ser entregue em 2011

Festival de Paulínia

2008 A Encarnação do Demônio de José Mojica Marins
2009 Olhos Azuis de José Joffily
2010 5x Vezes Favela – Agora Por Nós Mesmos direção coletiva

É Tudo Verdade
competição nacional

2001 A Negação do Brasil de Joel Zito Araújo
2002 Rocha que Voa de Eryk Rocha
2003 O Prisioneiro da Grade de Ferro de Paulo Sacramento (também vencedor da competição internacional)
2004 A Alma do Osso de Cao Guimarães (também vencedor da competição internacional)
2005 Aboio de Marília Rocha
2006 Caparaó de Flávio Frederico
2007 Elevado 3.5 de João Sodré, Maíra Bühler e Paulo Pastorelo
2008 Pan-Cinema Permanente de Carlos Nader
2009 Cidadão Boilesen de Chaim Litewski
2010 Terra Deu, Terra Come de Rodrigo Siqueira

VI Bibliografia
uma proposta inicial sobre o período

Embora ainda seja tão recente, a década de 2001-2010 já permitiu uma série de escritos sobre sua produção, algo que se pode entender tanto pelo fato do período ter visto uma multiplicação de publicações (impressas ou virtuais) dedicadas à critica de cinema e/ou ao cinema brasileiro em especial como pelo aumento considerável dos cursos de graduação e pós-graduação em cinema (ou audiovisual) que se espalharam pelo país. Fazemos aqui somente um primeiro balanço de parte dessa produção, que tende a se multiplicar no futuro próximo.

A) LIVROS GERAIS

Mesmo publicados antes do final da década (portanto, lidando apenas parcialmente com o período), três livros escritos por atuantes críticos de cinema lidaram com alguns aspectos dessa produção (os dois primeiros evocando mais todo o período da chamada "retomada", que começa em 1995).

Cinco Mais Cinco
de Luiz Carlos Merten, Rodrigo Fonseca e Carlos Diegues. Legere Editora, 2007.

Cinema de Novo: Um Balanço Crítico da Retomada
de Luiz Zanin Oricchio.
Ed. Estação Liberdade, 2003.

Cinema Brasileiro 1995-2005: Ensaios Sobre Uma Década
org. Daniel Caetano. Ed. Azougue, 2005.

O destaque recebido pela produção documental deu origem a dois textos que tratam essencialmente de filmes do período:

Ensaios no Real: O Documentário Brasileiro Hoje
org. Cezar Migliorin. Ed. Azougue, 2010.

Filmar o Real: Sobre o Documentário Brasileiro Contemporâneo
de Consuelo Lins e Cláudia Mesquita.
Ed. Jorge Zahar, 2007.

Finalmente, em 2011 surge o primeiro livro a analisar a produção independente do período, fazendo ainda uma extensa listagem dessa produção.

Cinema de Garagem: Um Inventário Afetivo Sobre o Jovem Cinema Brasileiro do Século XXI
de Dellani Lima e Marcelo Ikeda.
Edição independente, 2011.

B) LIVROS SOBRE FILMES ESPECÍFICOS

Dois apanhados críticos foram publicados a partir de dois títulos de longas lançados no período:

Diário de Sintra: Reflexões Sobre o Filme de Paula Gaitán
org. Rodrigo de Oliveira.
Ed. Confraria do Vento, 2009.

Serras da Desordem
org. Daniel Caetano. Ed. Azougue, 2008.

Além destes dois, a coleção Aplauso, da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, publicou versões impressas de vários roteiros de filmes realizados no período. Estes livros, além de vários outros da mesma coleção, podem ser encontrados e baixados através do endereço:
aplauso.imprensaoficial.com.br

Finalmente, é importante estar atento às publicações feitas pela Socine – Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e do Audiovisual. Embora seus trabalhos não se atenham somente ao cinema brasileiro, nem ao cinema contemporâneo, sempre pode-se encontrar muitos trabalhos refletindo no calor da hora sobre a força de alguns filmes nacionais do período. Mais informações no site:
www.socine.org.br/livros.asp

C) CATÁLOGOS

Os inúmeros catálogos de mostras e festivais de cinema organizados pelo Brasil são, cada vez mais, fontes primárias de pesquisa para quem se interessa pela história do cinema brasileiro. No que concerne o objeto específico do universo desta mostra, é de particular interesse a consulta aos exemplares referentes à Mostra de Tiradentes, devido ao hábito desta em publicar, para além de informação sobre os filmes, ensaios e entrevistas sobre o cinema brasileiro contemporâneo – além de propor recortes temáticos a cada ano. Da mesma forma, os catálogos da Mostra do Filme Livre são uma fonte importante de informação sobre filmes pouco exibidos.

Para fins específicos de pesquisa sobre os festivais, além de uma listagem dos filmes produzidos e exibidos no período (inclusive de curta ou média-metragem), existem ainda as edições anuais do Guia dos Festivais. Organizado e distribuído pela Kinoforum, o guia lista todos os festivais realizados pelo país ano a ano Mais informações no site:
www.kinoforum.org.br/guia

Entre as mostras temáticas realizadas em centros culturais, vale destacar a mostra "Eu é um Outro – O Autor e o Objeto no Documentário Brasileiro Recente", realizada na Caixa Cultural do Rio de Janeiro em março de 2008, e que exibiu 36 documentários de longa-metragem realizados no período 1999-2007, com textos propondo recortes sobre essa produção.

D) REVISTAS

Um grande número de periódicos refletiu regularmente sobre o período, alguns deles em formato impresso, outros exclusivamente na internet.

Impressas

Entre as impressas, destaque à Revista de Cinema, que completou dez anos recentemente e que acompanha principalmente as atualidades do cinema brasileiro. Tendo publicado 102 edições nas bancas até agora, vale destacar as edições 98, 99 e 100, nas quais a revista se dedicou a fazer uma lista dos dez filmes mais importantes do cinema brasileiro dessa década, e depois a analisar as tendências do cinema nacional no período e a dos perfis dos cineastas que mais se destacaram. O site da Revista de Cinema é:
www.revistadecinema.com.br

Parte importante da história recente do cinema nacional, a revista Filme Cultura retomou seus trabalhos em 2010, depois de um intervalo de mais de 20 anos (havia parado de ser publicada em 1988). O primeiro número da nova edição foi o de número 50, que se dedicava justamente ao "Cinema Brasileiro Agora". A revista publicou recentemente o número 53, e pode ser conhecida ou encomendada pelo site:
www.filmecultura.com.br

Publicada pelo Núcleo de Estudos de Cinema de Porto Alegre, a Teorema mistura entrevistas a textos críticos (de viés acadêmico ou não), e embora não se dedique exclusivamente ao cinema nacional, publicou inúmeros textos sobre a produção contemporânea, além de entrevistar vários dos realizadores. Encontra-se atualmente no número 14.

Além destas, vale procurar exemplares das paranaenses Taturana e Juliette.

Entre as várias revistas acadêmicas que tratam de cinema (em geral, dentro do campo da comunicação), destaque para a mineira Devires, que também não se dedica exclusivamente ao cinema nacional, mas possui textos interessantes sobre o tema. O site dela é:
www.fafich.ufmg.br/~devires

Finalmente, duas revistas que não estão mais regularmente sendo publicadas, mas que propuseram pautas importantes na sua existência no período foram a independente Paisà e a Sinopse, esta ligada ao Cinusp e à ECA-USP. Em sebos ainda podem ser encontrados exemplares de ambas.

Eletrônicas

Com a explosão do acesso à internet ao longo da década surgiram e consolidaram-se as mais diferentes iniciativas de crítica de cinema pela web, desde revistas de atualização regular a blogs e sites pessoais. Destacamos aqui apenas alguns.

Claro que precisamos começar pela Revista Cinética, pelo simples fato dela ser a proponente desse evento. A revista é atualizada frequentemente, sem possuir números de edição, e tem feito esforços desde sua criação, em 2006, para estar em dia com a produção nacional. Buscando-se pelos arquivos encontram-se críticas sobre a maior parte dos longas brasileiros lançados no período, além de cobertura dos principais festivais nacionais, e algumas pautas especiais (como uma dedicada ao curta-metragem brasileiro).
www.revistacinetica.com.br

Já a Contracampo pode ser considerada a pioneira nesse meio, e embora suas atualizações de edições estejam menos frequentes, pode-se encontrar nos seus arquivos uma quantidade grande de pautas voltadas ao cinema brasileiro. Destaque especial ao "Cinema Falado", transcrição de debates ao vivo entre a redação sobre os filmes brasileiros a cada ano. Na atual edição, de número 96, existe inclusive uma edição especial sobre a década de 2000 no cinema nacional.
www.contracampo.com.br

Entre as inúmeras outras revistas virtuais de maior ou menor estrutura, destacamos ainda a Filmes Polvo (**www.filmespolvo.com.br**) e a Revista Moviola (**www.revistamoviola.com**).

Uma grande quantidade de críticos, jornalistas e cinéfilos mantêm páginas pessoais ou blogs na internet. Destacamos os mantidos por Inácio Araújo (**inacio-a.blogosfera.uol.com.br**), Jean-Claude Bernardet (**jcbernardet.blog.uol.com.br**), José Geraldo Couto (**blogdozegeraldo.wordpress.com**), e José Carlos Avellar (**www.escrevercinema.com**), por produzirem grande quantidade de textos inéditos em outros suportes e por serem a principal plataforma onde eles se expressam em público atualmente.